

# APRESENTAÇÃO

Este número apresenta artigos que abordam temas significativos e desafiadores pertinentes à história do pensamento reformado e aos estudos da manifestação da religião no campo religioso brasileiro. Por tratar-se de uma revista com foco nas Ciências da Religião, Antonio Máspoli de Araújo Gomes pontua em seu artigo que fenômenos messiânicos do campo religioso, como Canudos, Contestado, Pedra Bonita e Caldeirão, são pesquisados sob diversos aspectos – político, militar, social e econômico –, mas poucas vezes são considerados sob a perspectiva da variável religiosa, que quase sempre foi deixada de lado nas pesquisas. É a partir dessa perspectiva que o citado autor tratará da temática em “O messianismo milenarista no Brasil e o mito do eterno retorno, limites e possibilidades de reflexão”.

Cátia Cilene Lima Rodrigues, com base na percepção de que há um interesse geral da sociedade pela Psicologia, preconiza que o estudo científico nas ciências naturais se baseia na lógica constatada na observação empírica sensível. Contudo, a realidade subjetiva, presente na experiência religiosa e psicológica, por sua natureza, não é captável pelos órgãos do sentido, por essa razão carece de métodos próprios para sua investigação. Assim, com base nos estudos de Almeida e Lotufo Neto, Ávila, Hick, Jerez, James, Milbank, Paiva, Rosenzweig, Strauss, Valle e Vergote, seu artigo, “Psicologia da Religião na investigação científica da atualidade”, faz uma revisão teórica, a partir da Psicologia Social da Religião, discute o problema o estudo e da pesquisa da subjetividade humana, e considera a questão da verdade nessas categorias como problema de pesquisa.

Douglas Jeferson Menslin e Sérgio Rogério Azevedo Junqueira, em “Cursos de especialização de ensino religioso no cenário brasileiro”, retratam a construção ou a (des)construção dessa identidade no decorrer da história educacional no Brasil. Com base no estudo realizado de 1997 a 2008, os autores apontam as características dos cursos de especialização para o ensino religioso oferecidos no território nacional brasileiro e propõem algumas reflexões sobre a construção da identidade do profissional docente para o ensino religioso no Brasil.

Edson Pereira Lopes e Janniere Villaça da Cunha Fernandes pontuam que a Reforma Protestante do século XVI foi um dos acontecimentos que marcaram a história da Igreja, a ponto de dividir o cristianismo ocidental entre católicos e protestantes. Não muito tempo depois, houve uma temática que causou o primeiro grande cisma entre os próprios reformadores e seus seguidores. Sob essa perspectiva, esses autores objetivam compreender a visão dos líderes da Reforma – Martinho Lutero, Ulrich Zwínglio e João Calvino – a respeito do sacramento da Santa Ceia, com a finalidade de identificar a repercussão da controvérsia em cinco igrejas evangélicas da atualidade.

Em “O protestantismo e a palavra impressa: ensaios introdutórios”, Hermisten Maia Pereira da Costa descreve o surgimento da imprensa com tipos móveis e como essa invenção foi de suma importância para o humanismo renascentista e para a Reforma Protestante. Sem a pretensão falaciosa de que sem a tipografia não haveria Reforma, demonstra como Lutero e Calvino tiveram as suas obras popularizadas, em parte, graças à mais ampla e eficaz divulgação que essa nova forma de impressão possibilitou. Concomitantemente, analisa como o princípio protestante do “livre exame” estimulou a publicação de bíblias, especialmente nos países alcançados pela Reforma. Com a proibição do ingresso de “livros hereges” em nosso país, Costa descreve como alguns livros, inclusive a Bíblia, conseguiam entrar no território nacional a despeito de ostensiva vigilância.

Em “Um panorama do fenômeno religioso brasileiro: neopentecostalismo ou pentecomesianismo”, Jair de Almeida Júnior assinala que é possível demonstrar as ligações entre o movimento neopentecostal e o messiânico. Assim, o autor propicia uma concepção comparativa do messianismo com o neopentecostalismo e explicita não apenas suas semelhanças, mas, talvez, uma competição ou continuação, uma vez que, por causa do uso das emissoras de televisão e do rádio, o pseudopentecostalismo alcança lugares onde o messianismo antes floresceu.

Maurício de Castro e Souza, em “O empréstimo a juros no pensamento econômico de João Calvino”, aponta que o empréstimo a juros existiu muito antes de Calvino nascer, mas que em sua época o crescimento econômico reclamava por mais crédito, e a Igreja, ao mesmo tempo que criticava a ação dos financistas, mantinha relações econômicas com eles, e em algumas situações ela mesma praticava o empréstimo com ju-

ros. Martinho Lutero, conhecedor de perto das práticas da Igreja de Roma, pronunciou-se contrário à prática de emprestar cobrando juros. E Calvino, percebendo a situação de sua época, principalmente em Genebra, manifestou-se a fim de regulamentá-lo e inibir os abusos.

Ricardo Bitun, no artigo “Transformações do campo religioso pentecostal brasileiro: a antecipação da parúsia cristã”, considera algumas inquietações quanto às transformações ocorridas no interior do movimento pentecostal nas últimas décadas. Bitun aponta como a passagem da sociedade tradicional para a sociedade moderna influenciou o mundo pentecostal. Além disso, apresenta as mudanças ocorridas no pentecostalismo para que este se adaptasse à sociedade atual, fazendo que a igreja pentecostal reelaborasse sua teologia (seu discurso) e ingressasse na modernidade ganhando competitividade junto ao mercado.

Aproveito para agradecer aos colaboradores e a desafiar outros a enviar seus respectivos artigos para a *Revista Ciências da Religião – História e Sociedade*.

Edson Pereira Lopes

*Editor responsável*